



O PERFIL E A EVASÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

PROFILE AND THE EVASION OF PHYSICAL EDUCATION CLASSES IN THE PERSPECTIVE OF STUDENTS OF MIDDLE SCHOOL

MAFFEI, Willer Soares ¹

DOS REIS, Gleyce Soares ²

VERARDI Carlos, Eduardo Lopes ³

RESUMO

O artigo tem como objetivo compreender o perfil e o nível de participação dos alunos do 3º ano do ensino médio nas aulas de Educação Física. Participaram do estudo 517 alunos de oito escolas públicas estaduais de um município do interior paulista. Para coleta de informações foi aplicado questionário com questões abertas e fechadas. Os resultados foram analisados por meio de estatística descritiva e análise de conteúdo e indicam atividades livres como núcleo central das aulas e experiências com o saber fazer e o saber sobre esse fazer, esses com menor destaque. Motivações pessoais e pedagógicas foram apontadas como causas para a evasão. Considera-se como urgente, perceber que, em momentos de crise e mudança, a Educação Física só se justificará na escola se tratar efetivamente de um saber específico que não pode ser menosprezado ou descaracterizado, de outra forma, corre o risco de ser excluída desse nível de ensino, conforme projeto em curso.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Ensino médio; Evasão nas aulas.

¹ Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - UNESP. Bauru, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4684-6824>. e-mail: willer.maffei@unesp.br

² Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - UNESP. Bauru, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7444-4750>. e-mail: glayce_go@hotmail.com

³ Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - UNESP. Bauru, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3939-0267>. e-mail: carlos.verardi@unesp.br



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

ABSTRACT

It aims to understand the profile and level of participation of 3rd year high school students in Physical Education classes. A total of 517 students from eight state public schools in a city in the state of São Paulo participated in the study. To collect information, a questionnaire was applied with open and closed questions. The results were analyzed through descriptive statistics and content analysis and indicate free activities as the core of the classes and experiences with know - how and know about these activities. Personal and pedagogical motivations were pointed out as causes for evasion. It is considered as urgent to realize that, in times of crisis and change, physical education will only be justified in school if it is effectively a specific knowledge that cannot be overlooked or de-characterized. Otherwise, it takes the risk of being excluded in the educational segment, as in the ongoing project.

KEYWORDS: Physical Education; High School; Classes evasion.

INTRODUÇÃO

A trajetória da Educação Física na escola é constituída por marcos e marcas que a conceberam a partir de diferentes finalidades e instituições. Ainda que a Educação Física tenha passado por diversas mudanças ao longo do Século XX, carrega a marca da Educação Esportivista desenvolvida especialmente nas décadas de 1970/1980, prática ainda frequente, principalmente, no ensino médio. Essa prática, voltada ao fim em si mesma, tem levado o aluno ao abandono, afastamento e insucesso na aula, possibilitando situação de fracasso na Educação Física (NETO et al., 2010; SAMPAIO et al., 2012; BETTI; USHINOHAMA, 2014; FERREIRA et al., 2016).

Em relação à Educação Física no ensino médio, Betti e Zuliani (2002) ressaltam a necessidade ao atendimento dos anseios dos alunos, e não reproduzir ou aprofundar os conteúdos do Ensino Fundamental. Se a prática for repetitiva, não haverá novidade para cativar e incentivar o aluno a participar da aula. Além disso, o comportamento do jovem e as culturas juvenis expressam características, interesses e motivações particulares nesse nível de ensino (MARTINELLI et al., 2006; NETO et al., 2010; SAMPAIO et al., 2012).

Carrano (2006), ao se referir sobre o comportamento em relação à Educação Física, afirma que o núcleo de interesse dos jovens abrange a diversidade de estilos, práticas e atitudes compartilhadas e estão ligadas a grupos de interesses, nos quais as atividades físicas nem sempre expressam o foco principal como ocorre no ensino fundamental.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

Tal preocupação, também apontada anteriormente por Dayrell (2003), deixa claro que, nessa faixa etária, os compromissos com o *movimento* e com a escola não são os mesmos. Diversão, encontros, prazer, trocas afetivas e ocupação do tempo com grupos de interesses que integram as *culturas juvenis* - termo apresentado no plural por serem variadas e distintas - ocupam boa parte do tempo e do interesse dos jovens.

Por sua vez, Maffei (2019, p. 326), ao discorrer sobre os grupos de interesse que integram as culturas juvenis, caracteriza o envolvimento dos alunos do ensino médio com as aulas da Educação Física em três grupos: "os que se identificam com a prática esportiva formal, em virtude do seu grupo de interesse; os que encontram na atividade física sentidos vinculados ao lazer e à qualidade de vida; os que não encontram sentido nas práticas desenvolvidas pela disciplina".

Ainda que essa *relação identitária*, assegurada por Maffei (2019), se faça presente na aula de Educação Física, Betti et al. (2015) afirmam que a escola é um ambiente que ensina e que propõe aos alunos aprenderem algo e, nesse sentido, é fundamental que os alunos mobilizem e produzam saberes, ou seja, sejam protagonistas do processo de ensino/aprendizagem. Assim, torna-se imprescindível *ouvir* os alunos para compreender suas percepções em relação à disciplina com o objetivo de realizar diagnósticos e contribuir com o levantamento dos problemas didático-pedagógico da disciplina (BETTI; USHINOMA, 2014).

Nessa perspectiva, a *teoria da relação com o saber*, proposta por Bernard Charlot (2000), assinala que os conhecimentos curriculares devem considerar a experiência do aluno, sua interpretação do mundo e a atividade, valorizando o que ele é, faz, consegue e tem, e, portanto, ser compreendido na relação que ele, o sujeito aprendente, considerado como ser social dotado de história pessoal e nascido em um mundo pré-existente, estabelece com o mundo, com o outro e com ele mesmo.

TEORIA DA RELAÇÃO COM O SABER: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Charlot (2000) afirma que docentes vêm se deparando com alunos que não conseguem aprender o que lhes é proposto nas aulas e, frequentemente, são iguados à expressão *fracasso escolar*, como meio de verbalizar experiência, vivência e prática em que não obtém *sucesso*. O autor propõe a teoria da *Relação com o saber* para investigar as relações dos alunos com os saberes propostos pela escola, na tentativa de compreender as situações de *estado de fracasso escolar* e, para tanto, propõe que se valorize aspectos positivos, como, por exemplo, o que eles sabem e o que eles aprendem



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

na escola, para se compreender *como* e *porque* o aluno chega ao fracasso no aprendizado.

A compreensão a respeito dos motivos que levam ao insucesso é o ponto de partida para a aprendizagem, visto que o aluno só é *educado* se o seu desejo pelo conhecimento o impulsionar para alimentar o processo, mobilizando-o para a atividade. Por esse motivo, a atividade tem que ter significado, desejo, sentido e valor para ele (CHARLOT, 2000).

Aprender significa, portanto, exercer uma atividade em situações, um local, um momento de sua particular história e com ajuda de alguém, por meio do que ele percebe, imagina, pensa e através do que lhe interessa, ou seja, o conceito de relação com o saber está intimamente ligado ao de interesse, pois todo sujeito se interessa por alguma coisa. Aprender faz sentido porque toma como referência a história de quem aprende, ou seja, as expectativas, a concepção de vida, as relações com os outros, a imagem de si mesmo e para os outros (BETTI et. al., 2015).

Em síntese, pode-se dizer que a teoria da relação com o saber proposta por Charlot (2000), apresenta três importantes conceitos, *mobilização*, *atividade* e *sentido*. Mobilização é o movimento interior do indivíduo; atividade, no caso da educação, é a aprendizagem, pois significa um conjunto de ações que objetivam uma meta; e sentido, produzido pelo sujeito por meio das relações que ele estabelece com o mundo e com o outro, é algo significante e de valor a quem aprende. A atividade em si vem da relação do sujeito com o mundo, sendo que aprender é interiorizar algo externo ao sujeito, e o ensinar é a ação que propicia um *movimento interior* desse mesmo sujeito, ou seja, o sujeito precisa mobilizar-se, pôr-se em movimento para aprender algo. Não é possível se apropriar de tudo, e por isso um indivíduo é seletivo em relação aos saberes, ou seja, um indivíduo se mobiliza para aquilo que lhe atrai, que ele tem interesse, que faz *sentido* para ele, pois o *sentido* é como fonte para a *mobilização* do sujeito quando aprende.

Em relação à *situação de fracasso* nas aulas de Educação Física, não tendo plena certeza do(s) motivo(s) que levam alunos a essa condição, Pinheiro et al. (2013, p. 91) levantam em seu estudo, de acordo com a percepção dos alunos, algumas inquietações sobre o tema:

Será o professor? Será a sua forma de lecionar? Será a insatisfação própria dos jovens? Será o cansaço provocado pela repetição ano após ano da leção das mesmas matérias? Será a forma dos alunos com dificuldades de desempenho motor esconderem o seu embaraço? Ou serão aqueles que em determinada(s) modalidade(s) têm uma facilidade de execução e, por desmotivação, deixam que se instale o tédio?



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

Segundo os autores, questões como essas precisam ser respondidas para que seja possível aumentar o *sentimento positivo* dos alunos em relação às aulas de Educação Física. Caldas; Hubner (2001) e Moreno; Hellin (2007) *apud* Pinheiro *et al.* (2013) retratam que, em suas pesquisas, os alunos demonstram aumento da desmotivação e descontentamento com as aulas de Educação Física com o avanço nos níveis de ensino e da idade. Ambos os casos, assim como muitos outros, assinalam situações que não promovem a “mobilização” do aluno para as atividades, podendo desencadear processos de afastamento, exclusão e evasão das aulas.

Em relação à temática, Betti; Ushinohama (2014), ao realizar pesquisa bibliográfica nos periódicos nacionais, publicados no período de 2000 a 2010, encontraram 62 publicações envolvendo os temas (des)interesse, (des)motivação e (auto)exclusão, sendo que as palavras-chave mais comuns nas publicações foram motivação, percepção, interesse, desinteresse, evasão, opinião, participação e significado. Entre as explicações para atitude *negativa* dos alunos em relação à aula de Educação Física, foram levantadas algumas explicações, como:

[...] fragilidades na formação dos professores, ausência de currículos claramente definidos para a disciplina (o que poderia ser consequência de indefinições sobre suas finalidades e conteúdos); deficiências na infraestrutura e materiais didáticos; estilo de vida sedentário dos alunos; hegemonia do esporte como conteúdo (o que induziria o desinteresse e exclusão dos menos habilidosos) (BETTI; USHINOHAMA, 2014, p. 5-6)

Por outro lado, Venâncio (2014) afirma que os alunos encontram sentido no modo como aprendem, quando têm prazer, mas também quando não querem ou desejam aprender determinado conteúdo porque, naquele momento, não encontram sentido neles. Entretanto, atenta para o fato de que a qualidade das relações que o sujeito estabelece com a experiência é determinante para a construção de sentido.

Partindo dessas aproximações, se ninguém pode participar da aula e aprender no lugar do outro, e se a aprendizagem ocorre por meio de estímulos externos, seriam esses motivos que levariam os jovens do ensino médio ao afastamento das aulas de Educação Física? Diante dessa questão, é de interesse particular dessa pesquisa, a partir da análise e perspectiva do aluno sobre a dinâmica da aula, compreender o perfil e os motivos que levam alunos do último ano do ensino médio a se evadirem das aulas Educação Física (não mobilização).



DADOS CONTEXTUAIS E METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo descritivo que utiliza como instrumento para coleta de informações um questionário, respondido por 517 alunos do 3º ano do ensino médio, de oito escolas públicas estaduais de um município do interior paulista. Para composição da amostra, o município foi dividido por região geográfica (Norte, Sul, Leste e Oeste) e as escolas foram escolhidas por conveniência, sendo duas de cada região.

O questionário aplicado foi elaborado pelos pesquisadores. Composto por 22 questões fechadas e 3 questões abertas, objetivou levantar dados referentes à participação dos alunos nas aulas de Educação Física, aos conteúdos e modelo das aulas, bem como os motivos que levam a não participação nas aulas, o que mudariam e gostariam de ter nas aulas. Para análise de informações foi utilizada estatística descritiva univariada (média, desvio padrão, mediana, moda, mínimo e máximo). Também foi utilizada análise de conteúdo, composta por pré-análise (organização), exploração do material (codificação) e tratamento dos resultados obtidos, seguidos pela inferência e interpretação dos dados (BARDIN, 2011). Para preservar a identidade dos sujeitos, os participantes foram enumerados e, quando citados, será utilizado substantivo Aluno precedido pelo respectivo número.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru, conforme Parecer Nº 1353569 e atendeu aos preceitos éticos requeridos às pesquisas com seres humanos.

RESULTADOS

Participaram da pesquisa 517 jovens do 3º ano do ensino médio, sendo 260 do sexo feminino e 257 do sexo masculino, distribuídos em oito escolas públicas estaduais. As 22 questões fechadas (nível de participação, participação na quadra e na sala, preferências e interesses, conteúdos) foram respondidas pelos 517 participantes, e as 3 questões abertas (motivos da evasão, o que os alunos mudariam, conteúdos que gostariam de ter) foram respondidas apenas por 232 alunos que responderam nunca participam ou participam às vezes das aulas de Educação Física.



PERFIL DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O Quadro 1 e a Figura 1 representam as respostas das Questões 1 a 5, sendo que o intervalo de valores 1 a 3 corresponde respectivamente: nunca, às vezes e sempre. Em relação à Questão 1 - Participa das aulas de Educação Física, o valor da Média de respostas ($2,41 \pm 0,71$) indica a prevalência de respostas para sim e às vezes, sendo que a maior incidência de resposta Moda foi igual a 3, ou seja, respostas sempre. Destaca-se também que, para a Questão 5 – Atividades da quadra são livres, a Média $2,48 \pm 0,59$ sugere que muitos alunos responderam que as aulas na quadra são sempre livres (Moda 3).

Quadro 1 – Participação dos alunos e perfil da aula de Educação Física

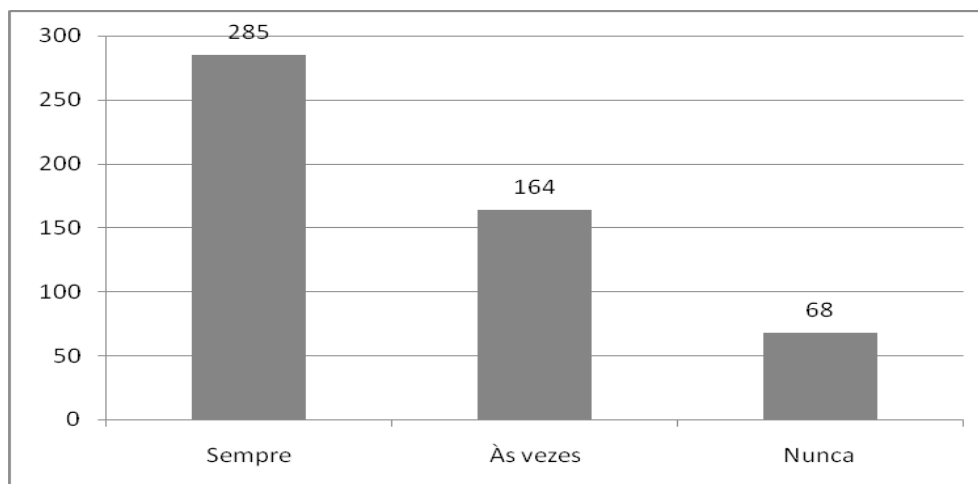
	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Média	2,41	1,95	1,79	1,73	2,48
Desvio padrão	0,71	0,82	0,81	0,76	0,59
Mediana	3	2	2	2	3
Moda	3	1	1	1	3
Mínimo	1	1	1	1	1
Máximo	3	3	3	3	3

Fonte: Próprio autor **Q1** - Participa das aulas; **Q2** - Professor trabalha c/ caderno do aluno; **Q3** - Caderno do aluno tem relação c/ atividades da quadra; **Q4** - Conteúdos do caderno do aluno e do professor são trabalhados fora da sala; **Q5** - Atividades da quadra são livres.

Ainda que para a Q1 haja maior incidência de respostas para sempre (285), as respostas participam às vezes e nunca (232) se aproximam do quantitativo de respostas sempre, conforme demonstrado na Figura 1, ou seja, a falta de participação nas aulas de Educação Física ocorre com frequência nessa amostra.



Fig. 1 Distribuição das respostas dos alunos sobre a participação nas aulas



Fonte: Próprio autor

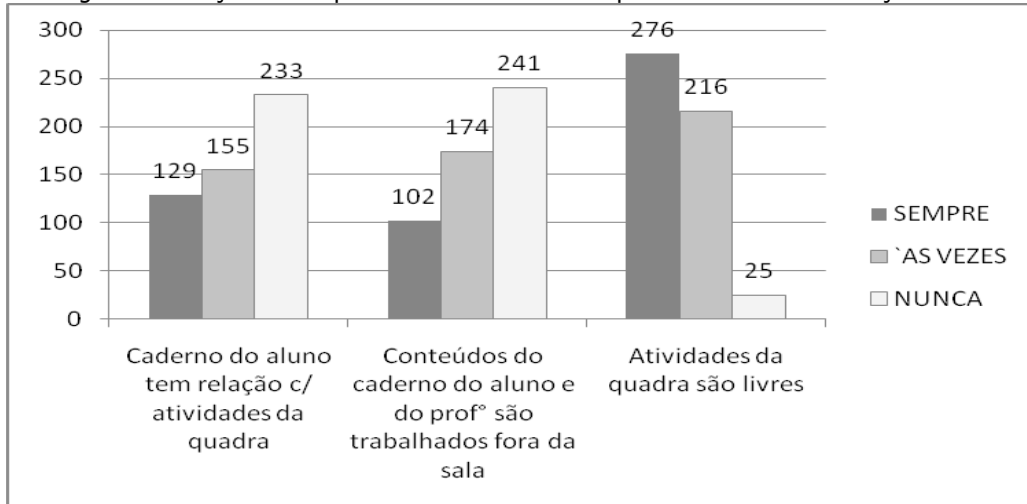
As questões 3, 4 e 5 se referem ao perfil da aula de Educação Física. É necessário destacar que, a partir do ano de 2008, o Governo do Estado de São Paulo implantou o Currículo do Estado. Além do documento geral dividido em áreas do conhecimento, foram criados cadernos didáticos para orientação do professor e caderno do aluno com propostas de conteúdos e exercícios. Dessa forma, a análise do perfil da aula de Educação Física leva em conta a utilização dos cadernos, que compõem o currículo oficial do estado.

Em relação ao tipo de aula de Educação Física, a Média para as respostas dos itens Q2, Q3 e Q4 permanece entre 1 e 2, indicando tendência de respostas para nunca e às vezes, sendo que, a Moda foi igual a 1. Para a Q2, a maior incidência de respostas foi assinalada para o item nunca (189 respostas – 36,5%), ou seja, não trabalham os conteúdos do caderno, como pode ser visto na figura 2. O mesmo se aplica à Q3, uma vez que 233 participantes (45%) responderam que não observam relação entre os conteúdos do caderno do aluno e as atividades desenvolvidas fora da sala de aula. O número de respostas é aumentado quando se trata das atividades do caderno do professor e do aluno e as experiências fora da sala de aula. Nessa análise, aproximadamente 47% dos alunos afirmaram não existir essa relação, ou seja, muitos assinalaram que os conteúdos do caderno não têm relação com as atividades desenvolvidas fora da sala de aula. Por outro lado, a “Média” da Q5 ($2,48 \pm 0,59$), bem como a Moda (3), são evidências de que a maioria das respostas se manteve entre às vezes e sempre, com prevalência para resposta sempre (49,6%), indicando que muitos alunos afirmaram ter aulas livres.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

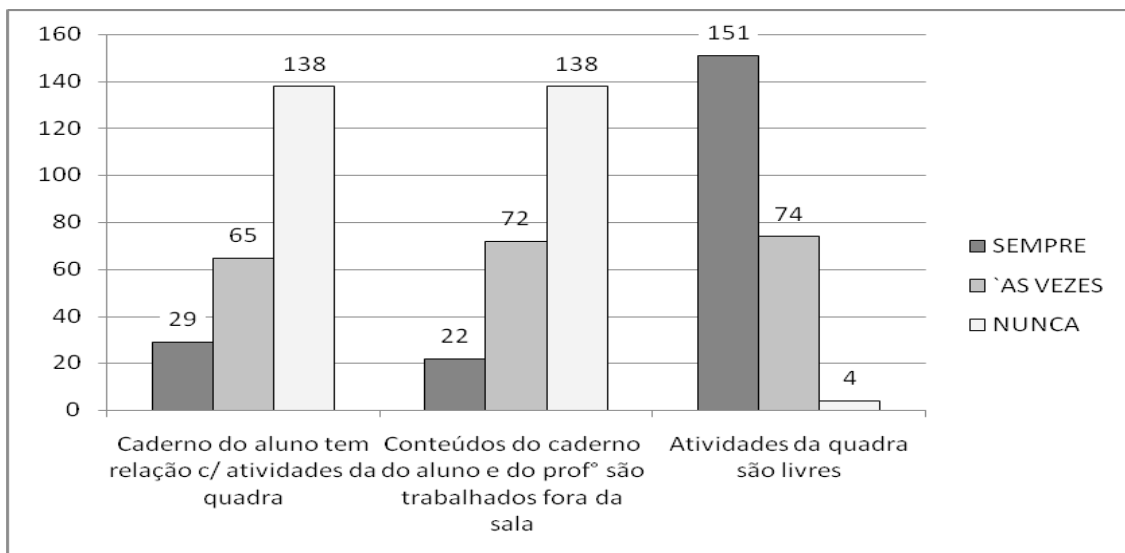
Fig. 2 Distribuição das respostas dos alunos sobre o perfil das aulas de Educação Física



Fonte: próprio autor

A Figura 3 apresenta apenas os dados dos participantes que, na Q 1, responderam que nunca participam ou participam às vezes (232 participantes) da aula.

Fig. 3 Perfil das aulas de Educação Física



Fonte: próprio autor



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

Para esse grupo específico, que respondeu nunca ou participa às vezes da aula, 116 (50%) participantes responderam que o professor não trabalha com o caderno do estado. Também chama atenção que 138 (aproximadamente 60%) assinalaram que os conteúdos do caderno do aluno não têm relação com as atividades desenvolvidas fora da sala de aula. O mesmo número de respostas foi encontrado quando perguntado se os conteúdos do caderno do professor e do aluno são trabalhados na quadra ou em outro espaço. É importante assinalar também 151 (65%) participantes indicaram que as atividades realizadas na quadra são livres.

PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Os dados trazidos no Quadro 2 foram construídos com as respostas das questões 6 e 7, e tiveram como objetivo estabelecer relação entre a participação dos alunos nas aulas realizadas na quadra e na sala de aula:

Quadro 2 – Participação das aulas realizadas na sala de aula e na quadra de aula

	Q6	Q7
Média	2,39	2,62
Desvio padrão	0,73	0,66
Mediana	3	3
Moda	3	3
Mínimo	1	1
Máximo	3	3

Fonte: próprio autor **Q6** – Eu participo das aulas na quadra; **Q7** – Eu participo das aulas na sala

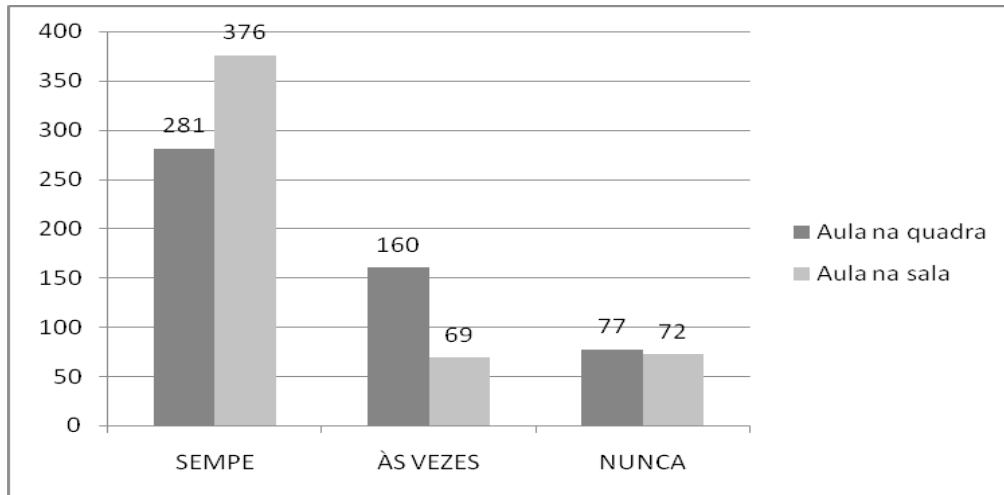
Para essas questões, a Média de respostas para Q6 ($2,39 \pm 0,73$) e Q7 ($2,62 \pm 0,66$), ambas com Moda 3, mostra prevalência de respostas para sempre, sendo que, a média de respostas para participação nas aulas que ocorrem na sala é maior que na quadra.

Na Figura 4, o inverso pode ser observado, ou seja, o número de alunos que responderam nunca participar da aula na sala (72) ou participar às vezes (69), totalizando 141 (27,2%), é menor que o número de alunos que responderam nunca participar da aula na quadra (77) ou participar às vezes (160), totalizando 237 respostas (45,8%).



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

Fig. 4 Participação dos alunos nas aulas de Educação Física na quadra e na sala



Fonte: próprio autor

O Quadro 3 apresenta as respostas para as questões 8 a 12, sobre preferência e interesses dos alunos em relação às aulas de Educação Física ministradas na quadra ou na sala de aula. Nesse quadro, apresentam Mediana 3 as questões Q8 com Média $2,53 \pm 0,66$; Q10 com Média $2,55 \pm 0,74$ e Q11 Média $2,39 \pm 0,74$, ou seja, prevalência de respostas para o indicador Sempre.

Quadro 3 Interesse e preferência dos alunos nas aulas de Educação Física

	Q8	Q9	Q10	Q11	Q12
Média	2,53	1,90	2,55	2,39	1,94
Desvio padrão	0,66	0,78	0,70	0,74	0,73
Mediana	3	2	3	3	2
Moda	3	2	3	3	2
Mínimo	1	1	1	1	1
Máximo	3	3	3	3	3

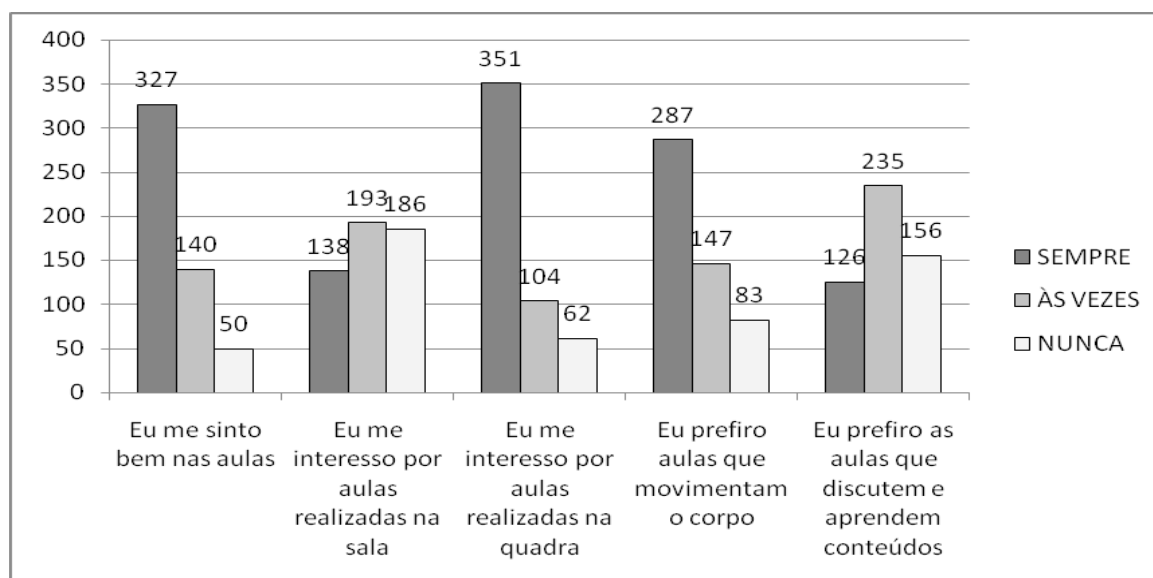
Fonte: próprio autor **Q8** – Eu me sinto bem nas aulas; **Q9** – Eu me interesso por aulas realizadas na sala; **Q10** – Eu me interesso por aulas realizadas na quadra; **Q11** – Eu prefiro aulas que movimentam o corpo; **Q12** – Eu prefiro aulas que discutem e aprendem conteúdos.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

Na Figura 5, um número significativo de participantes (351 – 67,7%) afirmou se interessar por aulas realizadas na quadra (Q10). Porém, quando perguntados sobre preferência de aulas que movimentam o corpo (Q11), o número de respostas sempre diminuiu um pouco (287 – 55,4%); por outro lado, o número de participantes que responderam nunca, para a questão, aumentou de 62 (11,9%) para 83 (16%). Há também prevalência de respostas sempre para Q8 me sinto bem nas aulas. Também está destacado na figura que o interesse e a preferência dos alunos são maiores quando as aulas são realizadas na quadra. Ainda assim, grande número de alunos respondeu que sempre ou quase sempre se interessa e prefere atividades realizadas na sala e que discutem conteúdo.

Fig. 5 Interesse e preferência dos alunos nas aulas de Educação Física



Fonte: próprio autor

Os alunos que responderam nunca participar ou participar às vezes da aula, responderam três questões abertas para identificar os motivos que os levam a não participarem da aula de Educação Física, ou a não se sentirem bem durante a sua realização. No total, 68 alunos responderam que não participam das aulas (sendo 60 meninas e 8 meninos) e 164 responderam que participam às vezes (113 meninas e 51 meninos), perfazendo o total de 232 participantes.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

O procedimento utilizado para a categorização das respostas se deu a partir de três fases de análise dos dados: a) Exploração, em que o conteúdo das respostas teve a classificação dos seus elementos constitutivos por diferenciação e logo em seguida foi agrupado por analogia; b) Unidade de Registro, em que as respostas foram organizadas em parágrafos, se tornaram palavras-chave, foram agrupadas em categorias iniciais, intermediárias e finais; e c) Interpretação, que foi ao encontro da compreensão do sentido da fala. Ao final, as respostas foram organizadas em quatro categorias, conforme apresentadas no Quadro 4, que aponta motivos que levam a evasão nas aulas.

Quadro 4 Motivos para não participação nas aulas de Educação Física

MOTIVOS	RESPOSTAS
Pessoais	Não quero; não gosto; não gosto de Educação Física; não é algo que me interessa, não gosto de nada que envolva bola; porque estou com sono, sem vontade de ficar correndo pra lá e pra cá; porque não estou disposto de manhã e as aulas acho muito chatas; não participo porque tenho renite e bronquite; Eu não posso fazer por causa que eu tenho desgaste ósseo do quadril e porque também tenho atestado; por causa de um problema no joelho que eu tenho; às vezes eu não participo, pois tenho compromisso mais sério fora da escola; não participo das aulas na quadra, pois saio da escola e vou direto para o trabalho; porque uso saia na escola por conta da minha religião, e não me sinto bem; não tenho afinidade com o resto da classe; não participo porque sou sedentário; porque fico fazendo outras coisas; porque ninguém mais se propõe, ainda mais as meninas, eu gosto, mas jogar sozinha não dá; atividades a meu ver desnecessárias.
Pedagógicos	O professor não promove interação em atividades que interessem a todos; o professor não passa nada na quadra e também não fica em sala; ele não deixa as pessoas falarem, dá sua própria opinião e também é chato e não tem nada a ver com a Ed. Física; porque a professora não passa nada além de futebol e vôlei; libera apenas a quadra e eu detesto fazer esportes; porque só tem futebol.
Estruturais	A quadra não tem estrutura para os alunos, só a quadra de futebol que é ruim; o problema não está na aula e sim na falta de material fornecido a nós; por não ser as últimas aulas; às vezes o ambiente não é favorável; porque está frio ou chovendo.

Fonte: próprio autor



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para Charlot (2000), a forma como as pessoas se relacionam com o saber possibilita a apropriação dos saberes existentes no mundo. O autor denomina essas formas como figuras do aprender e as apresenta como: (a) objeto-saber: conteúdos presentes em livros, vídeos, artigos...; (b) objetos uso, que se aprende a utilizar: pente, smartphone...; (c) atividades para dominar: escrever, jogar futebol...; (d) dispositivos relacionais: relacionar-se com pessoas (cumprimentar, namorar...).

O conhecimento sistematizado nas aulas de Educação Física, a partir das *figuras do aprender*, está centrado no aprendizado de *objeto-saber*, atividades para *dominar* e *dispositivos relacionais*, ou seja, conforme Bracht (2010), trata-se de conhecimento relativo ao *saber fazer* e ao *saber sobre esse fazer*, ou ainda, domínio de conceitos, procedimentos e atitudes.

Quando analisadas as respostas sobre o perfil da aula de Educação Física, trazidas nas Figuras 2 e 3, ainda que o governo do Estado de São Paulo disponibilize os conteúdos curriculares, na forma de *Caderno do professor* e *Caderno do aluno*, chama atenção que, para um número significativo de alunos, as atividades desenvolvidas na quadra nunca se relacionam com os conteúdos trazidos no caderno do aluno; os conteúdos do caderno do professor e do caderno do aluno nunca são trabalhados fora da sala de aula; muitas aulas de Educação Física realizadas na quadra são *livres*. De certa forma, esses dados contrariam a afirmação de Betti e Ushinohama (2014), quando assinalam que a indefinição ou ausência de currículos para a disciplina pode levar ao desinteresse. No caso dos investigados nesta pesquisa, o currículo do estado, operacionalizado por meio do caderno do aluno e do professor, pressupõe a existência do currículo, ainda que não seja desenvolvido pelos docentes. Pode-se, portanto, inferir que não é a ausência do currículo que leva ao (des) interesse, (des) motivação ou (auto) exclusão, mas sim a forma como ele é desenvolvido no componente curricular.

Nesse sentido, nota-se que as *atividades para dominar* ou relativas ao *saber fazer*, propostas nos cadernos do Estado (currículo oficial), têm sido pouco utilizadas nas aulas. Por outro lado, chama atenção a frequência com que as atividades *livres*, ou seja, aquelas em que não há relação com as figuras do aprender, são utilizadas. Essa prática parece ser bastante comum nas aulas e desaprovada pelos alunos, visto que 65% dos alunos que não participam ou participam pouco da aula indicaram que as suas aulas são sempre livres. Tal característica parece ser comum à Educação Física e não é recente, visto que Schneider; Bueno (2005) assinalam que o próprio aluno acredita que a aula de Educação



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

Física é o espaço e o momento de lazer e de intensificação das relações humanas.

Ainda que essa característica possa parecer comum aos alunos e que possa ser associado a termos como *fruição*, *criação*, *liberdade* e *disposição para fazer*, o participante/praticante, parte significativa desta amostra e que não participa das aulas, afirma que esse tipo de atividade não o mobiliza, ou seja, esses alunos não participam da aula porque o *não fazer* ou o *fazer livre* pressupõe ao aluno o mesmo (sem) *sentido*. Diante disso, a análise crítica a esse apontamento sugere uma provocação à Educação Física: qual é o tipo de relação com o saber que o jovem aluno do ensino médio deve construir, com a ajuda da escola, para ter acesso pleno às potencialidades humanas?

A reflexão sobre essa provocação remete à retomada dos dados apresentados nas Figuras 5, que relacionam a participação e o interesse dos alunos na aula. Em relação ao interesse do aluno, é importante resgatar o caminho proposto por Charlot (2000), quando afirma que é importante praticar uma leitura positiva em relação ao que os alunos fazem na aula, quer dizer, “[...] prestar atenção também ao que as pessoas fazem, conseguem, têm e são, e não somente àquilo em que elas falham e às suas carências” (p. 30). Ao praticar leitura positiva em relação às preferências dos alunos, instala-se uma confusão. Ao mesmo tempo em que grande parte dos alunos afirma que sempre se sente bem nas aulas de Educação Física, afirma também que não participa da aula porque as atividades são livres, ou seja, o aluno se sente bem nas aulas porque elas são livres, descompromissadas, mas ao mesmo tempo, não encontra sentido em se mobilizar para a atividade.

Por outro lado, quando os conteúdos têm relação com *objeto-saber*, o número de alunos que diz se interessar *sempre* pela atividade cai para metade. Isso sugere dizer que a participação do aluno ou não na aula de Educação Física, seja ela na sala ou na quadra, seja relacionada com *objeto-saber* ou *atividades de domínio*, tem relação com a identidade do sujeito (história, expectativas, concepções de vida), com o outro, com a figura do aprender, mas também com a forma com que tais atividades são propostas para as aulas. Tal inferência vai ao encontro do assinalado por Betti (1994) quando assegura que o papel da Educação Física é propor *motivos geradores de sentido*, para que o aluno não permaneça apenas dando os mesmos sentidos às coisas e ações no mundo.

Isso parece ser possível para as aulas que não têm característica de *aulas livres* e que as estratégias possibilitem que os alunos encontrem sentido e se mobilizam em função delas. Para isso, é primordial que o professor promova interação em atividades de interesse do grupo; aulas mais organizadas, tanto na quadra, quanto na sala de aula; que todos os alunos tenham voz e vez, ou seja, que se privilegie a participação/opinião do aluno; que valorize na aula a heterogeneidade e diversidade de conteúdo e não concentre



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

os conhecimentos da área na aprendizagem esportiva e de apenas algumas modalidades; que haja espaço na aula para o tratamento dos objetos-saber, atividades para dominar e dispositivos relacionais sem hierarquia de valor entre as diferentes figuras do aprender, minimizando assim os problemas pedagógicos que levam à evasão da aula, conforme apontados no Quadro 4 como motivos para a não participação na aula pelos entrevistados. Ao *ouvir* os participantes, as principais causas que os levam a evasão das aulas de Educação Física foram classificadas como pessoais, pedagógicas e estruturais, o que tem levado os alunos a situação de *fracasso escolar*.

A (não) identificação do sujeito com a Educação Física, que o (i) mobiliza para a atividade e produção de sentido, (não) identidade (motivos pessoais), as atividades de domínio ou dispositivos relacionais, são utilizadas como justificativas para (não) participação das aulas, conforme assinalado por alunos que não participam da aula:

“Eu não participo porque eu não gosto de Educação Física” (Aluno 341)

“Às vezes não participo, pois não é algo que me interessa” (Aluno 474)

“Porque eu não pratico exercícios e também não tenho afinidade com o resto da classe” (Aluno 204)

“Às vezes o ambiente não é favorável, por os alunos se individualizarem e o professor não promover interação em atividades que interessam a todos” (Aluno 442).

“Porque ninguém mais se propõe, ainda mais as meninas, eu gosto, mas jogar sozinha não dá. E não tem como jogar com os meninos, pois vão me zoar pelo fato de ser menina” (Aluno 417).

“Por causa de algumas aulas que não gosto muito” (Aluno 208);

“Atividades a meu ver desnecessárias” (Aluno 169);

Parece claro que, sem a atividade que impulsiona o aluno a agir e alimenta o processo, mobilize-os a *saber fazer* ou saber *sobre esse fazer*, a participação na aula fica comprometida. Os relatos sugerem que, tanto os conteúdos, como a forma como eles têm sido propostos, não os motiva para a aula, uma vez que eles não conseguem estabelecer relação de sentido com o proposto. Diante disso, pode-se inferir que os motivos pedagógicos influenciam os motivos pessoais que os levam a evasão nas aulas, ou seja, as experiências teórico/práticas relacionadas às aulas; as estratégias excludentes, repetitivas e desinteressantes, não mobilizam boa parte do alunado para a aprendizagem na



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

Educação Física, não despertando o desejo para aprender/participar das atividades. Os relatos apresentados a seguir corroboram com essa afirmação.

“Os esportes, a interação da professora com os alunos, porque ela nem fica observando” (Aluno 56).

“A forma de dar aula, Educação Física é educar o corpo com diversas brincadeiras, esportes, etc., não jogar uma bola na quadra” (Aluno 129).

“O jeito com que o professor não faz nada” (Aluno 99).

“Gostaria que tivesse outra coisa além de futebol” (Aluno 63).

“Queria que tivesse aulas diferentes das tradicionais” (Aluno 214).

“Gostaria que tivessem aulas que podem participar todos os alunos! Não só o futebol” (Aluno 325).

“A professora” (Alunos 80, 82, 83, 85)

“A professora, ela não dá uma aula que faz todo mundo participar” (Aluno 84);

“Porque o professor na maioria das vezes só leva a classe para quadra e deixa ela lá e os meninos só ficam jogando futebol as 2 aulas, o professor que tínhamos no primeiro mês de aula passava matéria teórica [...]” (Aluno74).

Em função disso, é importante destacar o papel que desempenha o professor como mediador do processo de ensino aprendizagem. Enquanto mediador, a empatia, as estratégias, a escolha dos conteúdos a serem desenvolvidos em aula e, principalmente, as atitudes positivas em relação aos alunos, podem originar motivos geradores para que eles se mobilizem ou não para a aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de que os alunos se sentem bem nas aulas de Educação Física e a preferência pelas atividades que movimentam o corpo e são realizadas fora da sala parecem não ser novidade para a Educação Física que, no decorrer da sua recente trajetória, constituiu conhecimentos relativos ao saber fazer. Estaria tudo em conformidade com essa tradição da área se os alunos não assinalassem que a participação deles na aula é maior quando esta se realiza na sala, ou seja, quando se trabalha com o



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

saber sobre esse fazer. Ainda que não seja possível inferir exatamente os motivos para a maior participação dos alunos nas aulas não realizadas na quadra, é possível afirmar que, seguramente, a preferência deles é por aulas desenvolvidas fora da sala.

A aula *livre* é sinalizada como um dos principais motivos para a não mobilização de parcela significativa dos alunos do ensino médio para a atividade. Isso os motiva ao afastamento da Educação Física. A prática pedagógica desenvolvida por muitos docentes também não tem possibilitado a mobilização dos alunos, uma vez que, entre os diversos motivos pessoais e pedagógicos que os levam a evasão das aulas, estão voltados para o modelo de aula de Educação Física vivenciado por eles e pela atitude assumida por seus professores.

Não se pode desprezar o fato de que grande parte dos alunos não está se apropriando devidamente dos saberes tratados nas aulas de Educação Física. Não se pode também desprezar o fato de que, em grande parte das aulas (livres), os saberes da Educação Física são desconsiderados. É necessário que a Educação Física escolar e os agentes diretos que lidam com ela tenham maturidade suficiente para perceber que, nesses momentos de *crise* e *mudança*, a Educação Física somente se justificará na escola se tratar de um saber específico que não pode ser menosprezado ou descaracterizado, de outra forma, corre o risco de ser excluída desse nível de ensino, conforme projeto em curso.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo* (Edição revista e actualizada). Lisboa: Edições, v. 70, 2011.

BETTI, Mauro. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 25-45, 1994. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281407725_O_que_a_semiotica_inspira_ao_ensino_da_educacao_fisica. Acesso: 12/08/2020

BETTI, Mauro et al. Os saberes da Educação Física na perspectiva de alunos do Ensino Fundamental: o que aprendem e o que gostariam de aprender. *Revista Brasileira de Educação Física Escolar*, v. 1, n. 1, p. 155-165, 2015.

BETTI, Mauro; USHINOHAMA, Tatiana Zuardi. Os saberes da Educação Física nas perspectivas dos alunos: panorama da literatura e uma proposta de investigação a partir da 'teoria da relação com o saber'. *Pulsar*, v. 6, n. 4, p. 1-18, 2014. Disponível em:



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

<<http://hdl.handle.net/11449/135596>>. Acesso: 12/08/2020

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista mackenzie de educação física e esporte*, v. 1, n. 1, 2002. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363>. Acesso 12/08/2020

BRACHT, Valter. A educação física no ensino fundamental. *Anais do I Seminário*, p. 21-31, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7170-3-6-educacao-fisica-ensino-fundamental-walter-bracht/file>. Acesso: 12/08/2020

CALDAS, Roseli Fernandes Lins; HÜBNER, Maria Martha Costa. O desencantamento com o aprender na escola: o que dizem professores e alunos. *Revista Psicologia-Teoria e Prática*, v. 3, n. 2, 2001. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1091>. Acesso 12/08/2020

CARRANO, Paulo C. R. Identidades juvenis e escola. In: *Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: UNESCO, MEC, RAAAB, 2005 (p.153-164). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=655-vol3const-pdf&Itemid=30192. Acesso: 12/08/2020

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set /out /nov /dez 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>. Acesso: 12/08/2020

FERREIRA, Aline Fernanda et al. Secondary education student bodily practices: implications of gender in and outside physical education classes. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 22, n. 1, p. 72-83, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-65742016000100072&script=sci_arttext. Acesso: 12/08/2020

MAFFEI, Willer Soares. *Proposições teórico-metodológicas e práticas pedagógicas da Educação Física*. Curitiba: InterSaberes, 2019. (Série Corpo em Movimento).

MARTINELLI, Camila Rodrigues et al. Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. *Revista Mackenzie de educação física e esporte*. São Paulo, v. 5, n. 2, p. 13-19, 2006. http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-5-2-2006/art01_edfis5n2.pdf.pdf. Acesso: 12/08/2020



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2021.53984

NETO, Alvaro Rego Millen et al. Evasão escolar e o desinteresse dos alunos nas aulas de Educação Física. *Pensar a Prática*, v. 13, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/7559>. Acesso: 12/08/2020

PINHEIRO, Maria Claudia et al. "Outra vez, professor?": percepções de alunos em relação à Educação Física. *Motrivivência*, n. 40, p. 90-105, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/29303>. Acesso: 12/08/2020

SAMPAIO, A. A. et al. *Educação Física no Ensino Médio: motivos para evasão*. 4º Congresso Internacional de Educação, Pesquisa e Gestão, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/45113598-Educacao-fisica-no-ensino-medio-motivos-para-evacao.html>. Acesso: 12/08/2020

SCHINEIDER, O; BUENO, J. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de Educação Física. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v.11, n.1, pp. 23-46, 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2860/1474>. Acesso: 17/08/2020.

VENÂNCIO, Luciana. O que nós sabemos? Da Relação com o saber na e com a educação física em um processo educacional-escolar. *Doutorado* (Tese). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual Paulista (UNESP) Presidente Prudente, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/122255/000813226.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12/08/2020.

Recebido em 20 de agosto de 2020

Aceito em 20 de outubro de 2021



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença [Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

Os artigos publicados são de acesso público, de uso gratuito, com atribuição de autoria obrigatória, para aplicações de finalidade educacional e não-comercial, de acordo com o modelo de licenciamento *Creative Commons* adotado pela revista.